

O site SciELO Brasil disponibiliza dados que permitem a análise das revistas da coleção. As informações podem ser consultadas a partir do módulo Relatório na página principal do site. Estão disponíveis as opções "Uso do site, Citações de revista, Co-autoria".

■ Fruticultura

Goiaba sustentável

O Brasil é um dos maiores produtores de goiaba do mundo, com um volume estimado de 390 mil toneladas em 2002. A produção concentra-se nas regiões Sudeste e Nordeste do país e o Estado de São Paulo é responsável por mais de 60% do total. A partir desse contexto, o artigo "Uso fertilizante de resíduo da indústria processadora de goiabas", de pesquisadores da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista, oferece uma avaliação dos efeitos da aplicação do resíduo da indústria processadora de goiabas na fertilidade do solo. O estudo é de José Mantovani, Márcio Corrêa, Mara Cristina da Cruz, Manoel Ferreira e William Natale. Além do consumo *in natura*, produtos industrializados são a principal forma de consumo da fruta no Brasil. Durante o processamento da goiaba, após o despulpamento e a lavagem com água clorada, o resíduo que sobra do processo é composto principalmente por sementes. Como apenas no Estado de São Paulo são produzidas 230 mil toneladas por ano da fruta, a produção anual de resíduo é de 10 mil toneladas. "Este resíduo tem sido descartado pela indústria a céu aberto ou, raramente, em aterros sanitários, e, com isso, grande quantidade de nutrientes, que poderiam ser reciclados, não é aproveitada", acreditam os pesquisadores. Os experimentos, que tiveram como plantatete o milho, combinaram cinco doses do resíduo da indústria de goiabas. Os resultados são promissores: a adição de resíduo da indústria processadora de goiabas propiciou aumento nos teores de fósforo (P) e potássio (K) do solo, tanto na ausência quanto na presença do adubo mineral.



MIGUEL BOYAVAN

REVISTA BRASILEIRA DE FRUTICULTURA – VOL. 26
– Nº 2 – JABOTICABAL – AGO. 2004

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0100-29452004000200037&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

■ Violência

As causas do crime

"Entender o que leva as pessoas a cometer crimes é uma tarefa árdua. Afinal, não há consenso sobre uma verdade universal, mesmo que esta se refira a uma determinada cultura, em um dado momento histórico." Esta frase no início do artigo "Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos" mostra o desafio proposto por Daniel Cerqueira e Waldir Lobão, pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Segundo o estudo, vários autores procuraram até hoje elaborar um modelo integrado para explicar a violência, com enfoques nos níveis estrutural, institucional, interpessoal e individual. "Tais anseios decorreram da percepção empírica de que a violência e a sua tolerância variam significativamente entre as sociedades, entre as comunidades e entre os vários indivíduos." Principalmente a partir do início do século 20, os criminólogos começaram a estudar o assunto e identificaram uma série de fatores que, combinados em proporções e situações específicas, poderiam explicar a causa dos crimes. Por conta disso, o objetivo do estudo foi investigar, com base na literatura, as várias teorias que explicariam o comportamento criminoso. O apanhado de algumas das mais substantivas contribuições, com orientações metodológicas retiradas das ciências sociais e da antropologia, passando pela economia e psicologia, está reunido no trabalho dos pesquisadores do Ipea. O estudo conta com uma descrição da lógica por trás de dez conjuntos distintos de teorias que, por certo, não esgotam o universo das teorias de causalidade do crime. "Fica evidente, a partir da exposição dos vários modelos que explicam os determinantes da criminalidade, tratar-se de um fenômeno complexo e multifacetado, mas que possui determinadas regularidades estatísticas que variam conforme a região e a dinâmica criminal, em particular", avaliam os autores do estudo.

DADOS – VOL. 47 – Nº 2 – RIO DE JANEIRO – 2004

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0011-52582004000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

■ Nutrição

A genética dos obesos

De acordo com o artigo "Aspectos genéticos da obesidade", de Iva Marques Lopes, Amelia Marti, María Aliaga e Alfredo Martínez, todos do Departamento de Fisiologia e Nutrição, da Universidade de Navarra, na Espanha, o componente genético constitui um fator determinante e um elemento de risco para diversas doenças crônicas como diabetes, osteoporose, hipertensão, câncer e obesidade. A partir de modelos animais os pesquisadores conseguiram identificar o comportamento de vários genes implicados no excesso de peso. Seguindo o princípio de que os genes intervêm na manutenção de peso e gordura corporal estáveis ao longo do tempo, os autores descobriram que "o balanço energético, do qual participam a energia ingerida e a energia gasta, parece depender cerca de 40% da herança genética". A pesquisa revela a existência confirmada de pelo menos 30 genes envolvidos na obesidade. Os genes que atraíram maior atenção nos últimos tempos foram: o da leptina (LEP) e seu receptor (LEPR), as proteínas desacoplantes (UCP2 e 3) e moléculas implicadas na diferenciação de adipócitos e transporte de lipídios (PPAR, aP2). A análise também ratificou a hipótese de que filhos de pais obesos têm de 50% a 80% de chance de apresentar o mesmo problema.

REVISTA DE NUTRIÇÃO – VOL. 17 – Nº 3 – CAMPINAS – JUL./SET. – 2004

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732004000300006&lng=pt&nrm=iso&tng=pt

■ Indicadores

Mercado de trabalho

Analisar a evolução do mercado de trabalho na cidade de São Paulo utilizando indicadores gerados a partir da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Esta é a proposta do artigo "O mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo", de Sérgio Mendonça, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), e Marise Hoffmann, analista técnica do mesmo órgão e consultora da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade). A PED, realizada pelo Dieese e pela Seade, é uma pesquisa domiciliar que produz indicadores estatísticos sobre a inserção da população no mercado de trabalho. Trata-se de um levantamento que identifica a situação de desemprego e as formas de trabalho geralmente consideradas como mais vulneráveis. As evidências estatísticas apresentadas no artigo indicam que, na década de 1990 e no início da atual, "o mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo vem sofrendo um processo acentuado de deterioração, tanto na capacidade de atender às demandas da população como nas características dos pos-

tos de trabalho gerados e nos valores dos rendimentos auferidos". Segundo o estudo, a indústria foi a principal responsável pela perda de dinamismo do mercado de trabalho na região. "Coube aos setores de serviços e comércio compensar, em parte, a queda absoluta do nível de ocupação industrial", dizem os autores. "Acompanhando esta situação, cresceu o número de trabalhadores ocupados como autônomos e empregados domésticos, bem como o de assalariados sem carteira de trabalho assinada."

ESTUDOS AVANÇADOS – VOL. 17 – Nº 47 – SÃO PAULO – 2003

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000100003&lng=pt&nrm=iso&tng=pt

■ Saúde

Lixo e trabalho

"O cotidiano dos sujeitos que vivem da reciclagem do lixo ainda é pouco trabalhado pela saúde pública brasileira." Esta foi a justificativa para a elaboração do artigo "Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro", que apresenta



EDUARDO CESAR

os resultados de uma investigação sobre as condições de vida de 218 catadores de materiais recicláveis da capital carioca. O texto é de autoria de Marcelo Porto, da Escola Nacional de Saúde Pública, Denise Juncá, da Universidade Federal Fluminense, Raquel Gonçalves, da Secretaria Municipal do Bem-Estar Social da Prefeitura de Rio das Ostras (RJ), e Maria Filhote, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com base em um inquérito semi-estruturado, os pesquisadores ouviram os catadores no que diz respeito às percepções de suas condições de trabalho e saúde. A proposta do questionário foi construir um perfil geral dessas pessoas e, dessa forma, possibilitar maior aproximação com o "mundo do lixo". "Os trabalhadores entrevistados percebem o lixo como fonte de sobrevivência, a saúde como capacidade para o trabalho e, portanto, tendem a negar a relação direta entre trabalho e problemas de saúde", revela o estudo. Os riscos levantados pelos pesquisadores apontam para a elevada periculosidade dessa atividade, agravada pelas condições de vida que apresenta, inclusive no que se refere aos locais de moradia.

CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA – VOL. 20 – Nº 6 – RIO DE JANEIRO – NOV./DEZ. – 2004

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600007&lng=pt&nrm=iso&tng=pt